

V!RUS

Revista do Nomads.usp
Nomads.usp Journal
ISSN 2175- 974X

desenhando coexistencia | designing coexistence | sem 2-10

Como citar esse texto: LIPPE, H. Ringlokschuppenost, ou o fenômeno dos lugares indefinidos. Tradução Daniel Paschoalin. **V!RUS**, São Carlos, n. 4, dez. 2010. Disponível em: <<http://www.nomads.usp.br/virus/virus04/?sec=5>> Acesso em: dd mm aa.

Ringlokschuppenost, ou o fenômeno dos lugares indefinidos

Heiner Lippe

Heiner Lippe é arquiteto, professor e pesquisador da Faculdade de Arquitetura da Fachhochschule Lübeck, na Alemanha.

Primeira cortina: Um fragmento urbano

Disseram-me para passar pela antiga passagem ferroviária depois da igreja antroposófica e então procurar imediatamente por um estacionamento. Fiz como recomendado, virei à esquerda por detrás da velha ponte de ferro, passei por cima da calçada e desliguei o motor logo atrás de uma espécie de amontoado de terra. A frente de meu carro roçou o mato e as flores que cresciam nas pequenas juntas de um antigo muro alto de tijolos, que prolongava-se desde a ponte mencionada acima para desaparecer ao fim de uma distância de talvez quatro carros (estacionados da mesma maneira como eu estacionei) por detrás de um edifício de escritórios sem fachada, supostamente dos anos setenta. Esta arquitetura funcional de quatro andares de altura preenchia a primeira de três partes, cortada nesta urbanidade pela rua, formando uma espécie de "Y". A segunda parte estava preenchida por um edifício cúbico de uma época indeterminada, de cobertura plana, com um estacionamento fechado por cerca e uma área de armazenagem.

Segunda cortina : a arena

Volvendo meus olhos ao redor, descobri uma edificação arredondada que me lembrava uma arena espanhola ou romana: uma parede recurvada de três andares de altura, em um belo entramado de tijolos vermelhos, no estilo das últimas décadas do século XIX. A base de 6 metros de altura, feita de blocos retangulares de pedra cinzenta, suportava a alvenaria do primeiro nível por mais 12 metros a partir do chão. Altas janelas arqueadas estruturavam a fachada de uma maneira elegante mas à moda antiga. Por cima, uma última pequena fileira

com janelas menores arrematavam o topo da edificação antes do começo da cobertura ligeiramente inclinada... Tentando imaginar o interior, eu comecei a me aproximar automaticamente de uma escada larga porém escondida que me conduziu, no final, à suposta entrada.

Terceira cortina : aproximando-se do próximo nível

Após 26 passos, cheguei ao piso superior. O pequeno lugar era formado por diferentes construções simples e pequenos anexos da edificação arredondada. Todas as aberturas estavam fechadas por chapas de metal pintadas de marrom. *Graffitis* e *tags* coloridas cobriam todas as paredes. O lugar parecia esquecido. Por todo o lado, plantas e até pequenas árvores tentavam reconquistar o espaço. – Eu olhei em volta. Tudo parecia comprimido, o lugar e suas construções, o tempo, a situação toda – (Subitamente) alguns empregados da companhia ferroviária apareceram, discutiram, e então passaram perto de mim para desaparecer alguns segundos depois atrás de um dos edifícios. Curiosamente, eu os segui a uma certa distância para descobrir, finalmente, um emaranhado de trilhos vindo da estação principal a cerca de meio quilômetro desse lugar, fluindo suavemente como um vasto curso, um rio, em volta desta pequena ilha.

A margem deste rio de ferro era formada pela própria cidade. Eu segui adiante, guiado pela forma externa da edificação. Assim eu podia entendê-la cada vez melhor, e imaginei que, visto dos céus, esse conjunto deveria parecer-se um pouco com dois enormes *croissants* franceses que se tocavam ou mesmo se sobrepunham em suas extremidades. Mais *graffitis*, arbustos e até pequenas árvores cresciam por ali. Descobri que os dois grandes discos giratórios situavam-se, cada um, do lado interno de cada *croissant* de tijolos! Antigamente, essas plataformas eram utilizadas para receber locomotivas, girá-las e então direcioná-las para entrar no edifício por uma de suas 14 entradas. Essas portas também tinham sido fechadas por grandes painéis de metal. – Um trem passou a uma distância bem pequena. Senti o ar se movendo, alguns operários vestidos de laranja disseram algo, talvez não concordando com a minha presença. – Eu me virei para, finalmente, verificar como entrar no edifício arredondado.

Quarta cortina: entrando no objeto desejado

Duas chaves para acionar e então a porta metálica protegida abriu-se para o interior com um rangido que eu já esperava. Passei pela soleira da porta e fui paralizado por um momento pelo brilho do sol da tarde, passando como flechas de luz através de centenas de pequenos buracos pela proteção de metal, sobre as janelas na parede oposta do salão. Sim, um salão! Um salão bem amplo! E eu encontrei novamente as paredes curvas: a maior atrás de mim, de alvenaria, e a menor, à minha frente, a uma distância de cerca de 30 metros. Eram composta por essas portas bem altas. Estas eram as entradas que eu descobri do lado de fora.

Este salão era preenchido com 6 fileiras de pilares de concreto e 7 fendas regulares no piso, de 1 metro de largura por 1 metro de profundidade e 25 metros de comprimento. Todas

arranjadas de maneira concêntrica, partindo de um centro imaginário supostamente situado no exterior da edificação, seguramente o centro dos discos giratórios.

Este era o primeiro salão. Para nós, ele seria mais tarde "a catedral".

Movendo-me para a direita, passei por uma porta recortada na parede de metal e entrei em um segundo espaço, um pouco menor que o primeiro. Um pouco mais escuro, em seu final descobri uma pequena escada subindo para um tipo de passagem bem estreita, que conduzia a salas realmente minúsculas na parte de trás. Por causa de sua aparência, nomearíamos, mais tarde, este espaço como "a galeria".

Rapidamente circulei em volta. Acelerei e quase corri através dos dois salões para alcançar um pequeno espaço "entre", um tipo de comporta, com outros ambientes pequenos e esquecidos, alguns velhos barris de óleo, lixo, um pesado vagão de trem. O ar escuro estava cheio do cheiro de umidade, óleo velho e poeira.

Alcansei a terceira e última parte da edificação: era surpreendente! Entrei próximo à parede externa curva. Assim, minha visão foi realmente guiada ao longo dessa parede. As colunas de reforço providenciaram um ritmo. Curiosamente, cada uma tinha sido pintada de uma cor diferente. Como nos outros dois salões, o piso coberto de poeira tinha sido escavado de maneira quase regular e simétrica por estas fendas profundas, acompanhadas de fileiras de colunas. Duas pequenas plataformas de ferro, para supervisionar e controlar antigamente, estavam instaladas a cerca de 3 metros de altura. – A luz criou sombras interessantes por sobre cada objeto. Havia penas de pombos por todo o lado, algumas roupas antigas, detrito metálico. Subitamente, o ambiente começou a vibrar, o barulho de um trem passando do lado de fora aproximou-se rapidamente e desapareceu alguns segundos depois. – Senti que estava no meio das principais direções dessa linha ferroviária, do leste ao oeste. Um lugar tão importante, mas sem ninguém. Para as pessoas do lado de fora, este lugar não existia, mesmo que estivesse situado quase no centro da cidade. Surpreendente...

Quinta cortina: imaginação e ensaios

No outro dia, formamos um grupo de 5 pessoas, sentindo esse espaço novamente e imaginando como se referir a ele, como abrí-lo ao público, como inscrevê-lo na consciência de todos. Isto deveria facilitar a aproximação a este e outros "não-lugares", que transportam virtualmente as histórias de homens, de trabalho, do tempo, da cultura, da urbanidade e da arquitetura, do dia e da noite. Nós melhoramos. Um tempo duro e muito ocupado começou, cheio de paz e luta. Rico em todos os sentidos.

A galeria: fotos gigantescas, detalhes, cortinas para formar uma exposição de arte dentro do salão, dedicada a ele próprio. Uma selva de *close-ups*, suas origens podiam ser encontradas por toda a parte.

O bar: Um bar embutido no piso, convidando todos a realmente entrar nesta edificação, mas

protegidos à medida em que fossem sendo mais e mais tomados pelas impressões das cores, das sombras, dos ecos, do material e das proporções.

A catedral: uma coreografia especial foi desenvolvida. Atrizes e atores amadores descreveram a edificação e sua situação no espaço e no tempo de maneira soberba. Os ensaios se tornaram parte de toda uma performance. Luz, som, névoa artificial sublinharam e interpretaram o que não estava visível à primeira vista.

Sexta cortina: três dias de *fiesta* e eventos

Nós estávamos tensos, nervosos. Tudo tinha sido preparado para abrir ao público um espaço perdido na cidade, por três dias. Bastante trabalho havia sido realizado. O que ia acontecer?

Fogos de artifício incríveis para os organizadores, participantes, visitantes explodiram. Uma aproximação arquitetônica de uma área tão urbana, tão central, e ainda tão perdida e tão confusa. Interpretação subjetiva, alegre, divertida.

Por três dias seguidos, o espaço foi preenchido com mais e mais visitantes. Enquanto alguns descobriam a galeria, outros permaneciam no bar, perto da entrada. Subitamente, o som de um contrabaixo estava reverberando nas paredes e objetos. O músico estava em algum lugar sobre uma plataforma elevada, mas não podíamos vê-lo. Mais tarde, música eletrônica analógica começou: uma banda de músicos interpretou toda a situação emitindo sons agudos e fortes no espaço grandioso. Enquanto isso na "catedral", personagens vestidos de preto atravessavam as fendas a passos ensaiados, mergulhavam no nevoeiro, para reaparecer posteriormente. Um movimento irregular mas estável. Duas outras pessoas descreveram a vertical, escalando e descendo vagarosamente em uma escada de ferro, nos fundos do salão, em direção ao teto.

Mudança de cena: uma dúzia de jovens veio espontaneamente, cavalgando suas bicicletas, saltando, apropriando-se do espaço a seu próprio modo. As penas de pombos tremulavam no ar. De um momento para outro eles desapareceram, deixando o espaço para outras interpretações... As três partes da edificação estavam conectadas pelas pessoas vagando, pelos seus pensamentos, sua emoção. Encontro incomum. E do lado de fora, acima de tudo, os trens continuavam seu caminho...

Sétima cortina: deixando a cena

Nós tínhamos que guardar tudo: cabos, lâmpadas, móveis, cercas metálicas, o equipamento de som, tapetes e mais coisas. Nós suamos. Estávamos de alguma forma desesperados. O show foi histórico. Repetidamente nós guardávamos, por horas, dias. Às vezes, em muitas pessoas, outras vezes, sozinhos. Nós tentamos limpar esses espaços vazios. Parecia não ter fim. Depois desses intensos momentos de inspiração, *performances* e apresentação, éramos jogados pelas ondas da vida cotidiana em uma praia rochosa!

Foi um golpe duro e, ao mesmo tempo, temperado pela lembrança radiante do que

vivenciamos nesse momento especial de nossas vidas. Todos têm retornado repetidamente ao local, as vezes sozinho: era difícil renunciar a ele novamente.